

América Latina e pós-modernidade

Carlos Eduardo Sell *

GADEA, Carlos A. **Paisagens da pós-modernidade**: cultura política e sociabilidade na América Latina. Itajaí: Univali, 2007.

Resenha

Se o debate entre teóricos da pós-modernidade e seus críticos dividiu a arena das disputas sociológicas no mundo anglo-saxão ao longo das décadas de 1980 e 1990, o mesmo não se pode dizer do debate latino-americano, particularmente o debate brasileiro. Ainda que estivéssemos informados dos termos do debate e, de fato, tivéssemos-nos posicionado a respeito, poucos pesquisadores souberam fazer uso das vertentes pós-modernas para buscar, a partir desse ângulo de análise, pensar as sociedades latino-americanas. Pois é justamente nesse aspecto que se encontra o mérito do livro de Carlos Gadea *Paisagens da pós-modernidade*, publicado pela editora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Nesse texto, além de recuperar o debate já clássico suscitado no âmbito da Sociologia sobre o estatuto do pós-moderno como categoria analítica e como realidade empírica, Gadea rastreia com maestria as diferentes versões sobre a pós-modernidade na América Latina, oferecendo-nos uma interpretação crítica e, ao mesmo tempo, sua própria visão a respeito do tema. Para colocar em relação duas temáticas dessa grandeza (ou seja, as abordagens da pós-modernidade e, como referente empírico, a América Latina), o autor recorre ainda a um caminho inusitado que lhe permite fugir das armadilhas das totalizações e generalizações apressadas e, ao mesmo tempo, conservar-se próximo do pensamento pós-moderno. Trata-se de escolher como matéria empírica de análise o tema das “sociabilidades”, ou seja, diferentes contextos e modos de ação em que a leitura do pós-moderno pode ser detectada e analisada. Aliás, é o próprio autor que destaca, por diversas vezes,

* Doutor em Sociologia Política e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço eletrônico: sell@cfh.ufsc.br.

a inspiração simmeliana de seu empreendimento. Assim como na Sociologia das Formas de Georg Simmel, Gadea busca nos processos microsociais do cotidiano e da vida habitual detectar, descrever e analisar as configurações que a totalidade social imprime e, ao mesmo tempo, recebe, das ações e interações sociais.

Do ponto de vista teórico, a apresentação e a discussão que o livro oferece-nos das “teorias pós-modernas” preocupa-se não apenas em identificar as diferentes visões possíveis sobre o fenômeno, mas também em construir e pavimentar seu próprio entendimento sobre a temática do pós-moderno. Assim, em relação à teorização clássica sobre o tema da pós-modernidade, Gadea faz-nos voltar ao debate entre Lyotard e Habermas no início dos anos 1980 para, colocando-se ao lado do primeiro, assumir a visão pós-moderna. Nesse sentido, o livro espousa a tese do fim das metanarrativas e ao mesmo tempo reconhece a fragmentação do saber em diferentes jogos de linguagem tornando impossível as visões totalizadoras e englobantes sobre a realidade. Dentre os autores tradicionais na discussão também se percebe a forte presença de Michel Foucault, em relação a quem Gadea assume não apenas a dimensão política do saber, mas também a Sociologia da Biodisciplina do pensador francês e sua tese da função normalizadora e homogeneizadora das instituições sociais. Mas a primeira parte do livro (composta de dois capítulos) não busca apenas retomar o que já foi teorizado. Complementando essas análises, Gadea busca inspiração ainda em tradições teóricas pouco mobilizadas pelos pesquisadores sociais, como o Pragmatismo de William James, a Fenomenologia Social de Schütz e a Etnometodologia de George Herbert Mead. Dessa forma, ele abre seu caminho para pensar a modernidade não em termos estruturais e deterministas, mas buscando compreendê-la sob o foco das sensibilidades e das interações, bem como de sua dimensão comunitária e grupal.

A partir dessas múltiplas abordagens, o marco conceitual da pós-modernidade construído na primeira parte do livro tem em vista dois elementos fundamentais. Em primeiro lugar, a recusa de conceber a pós-modernidade sob um enfoque histórico-temporal ou mesmo como elemento empírico-ontológico. Não se trata de pensar a pós-modernidade como “etapa” e menos ainda como um dado concreto, como fenômeno empírico, qual seja, em ter-

mos do realismo ontológico. A pós-modernidade é assumida aqui fundamentalmente como enfoque, como perspectiva de análise e leitura do real. Desse elemento, por sua vez, emerge uma segunda característica essencial da reflexão proposta pelo livro. Trata-se de ressaltar a “dimensão crítica” da teoria da pós-modernidade. Situar-se no horizonte da pós-modernidade não é admitir uma suposta passagem histórico-social e nem se fecha, necessariamente, na recusa da modernidade. Trata-se de colocar em tensão com a auto-compreensão da modernidade e, ao mesmo tempo, com suas utopias e perspectivas políticas.

Essa primeira parte do livro, longe de ser estanque e desligada de seu objeto de análise, possui ainda o mérito de teorizar sobre a pós-modernidade, colocando-a sempre em sua relação dialética com a temática da América Latina. Nesse caso, a preocupação do autor concentrou-se na tarefa de criticar e superar as abordagens existentes sobre o pós-moderno latino-americano. Aqui o livro realiza um projeto de desconstrução em que os materiais, uma vez demolidos, são reaproveitados como elementos para a construção posterior. Ou, para não falar em metáforas, Gadea revisa as teorizações existentes sobre a pós-modernidade latino-americana para, atravessando-as criticamente, oferecer uma interpretação que supere seus limites e contradições. Trata-se de um dos momentos fortes do livro, em que o conhecimento bibliográfico do autor em torno da literatura latino-americana (tanto de língua portuguesa quanto de espanhola) oferece-nos uma rara compreensão sobre o assunto. Em primeiro lugar, ele aponta para o fato de que as interpretações sociológicas sobre temáticas como globalização e neoliberalismo, além de bastante politizadas, hegemonomizam o discurso sociológico, mantendo-o preso nos marcos de categorias estruturais e globalizantes e fortemente tributárias da dimensão econômica da realidade social. Em segundo lugar, as teorias do pós-modernismo latino-americano também são vítimas de dicotomias que as paralisam e empobrecem, pois ora se situam no âmbito do “universalismo” (a América Latina como reflexo ou apenas um caso do pós-moderno anglo-saxão) ou mesmo do “localismo” (a pós-modernidade na América Latina é pensada como “periferia” e como caso único), mesma armadilha que recobre o hibridismo que postula a superposição entre o pré-

moderno, o moderno e pós-moderno nos diferentes contextos das relações e realidades sociais latino-americanas.

É evitando adotar qualquer uma dessas visões omnicompreensivas da pós-modernidade na América Latina que a segunda parte do livro – agora de maneira propositiva – oferece diferente “paisagens” sobre as sociabilidades pós-modernas identificáveis no contexto das Américas. A metáfora da “paisagem” – que, aliás, é parte do título do livro – é um recurso analógico central nesse texto, pois remete-nos à idéia de que o sentido da pós-modernidade no subcontinente latino-americano não é buscado como uma totalidade histórico-social, mas é rastreada em quadros diversos, em níveis distintos, em lugares e situações que são diferentes. Isso só é possível porque Gadea conduz-nos sempre no caminho da análise das “sociabilidades” e não das “estruturas”, ou seja, das interações sociais no seu marco cotidiano, habitual, e não no social visto em seu conjunto como grandeza que ultrapassa os indivíduos em relação. A inspiração em Michel Mafesoli e em sua busca das sociabilidades pós-modernas, obviamente, é a marca central da segunda parte do livro, que procura descortinar diferentes espaços de sociabilidade, entre eles: 1) as vanguardas artístico-culturais; 2) os movimentos e lutas sociais étnico-indígenas; 3) a prisão; 4) a educação; 5) a violência e 6) o amor.

Assim, se no plano artístico-cultural, os anos 1960 eram marcados pela arte de vanguarda e, especialmente, no caso da América Latina, pela politização da cultura (como o Cinema Novo), os anos 1970 (no exemplo do Tropicalismo) e os anos 1980 e 1990 nas diversas modalidades de *punk rock*, *heavy metal*, *reggae*, *hip-hop* e outras expressões culturais seriam formas de despolitização e alienação? Longe de assumir essa postura saudosista, Gadea mostra-nos essas e outras tendências como manifestações de uma sociabilidade presentista e neotribal, ou seja, traços de uma pós-modernidade que valoriza o presente (em detrimento do futuro) e de identificação com espaços estéticos reduzidos. Por outro lado, ainda são expressões de recusa da modernidade e de suas normas de disciplinamento, ordem e controle social, preservando sua dimensão crítica.

Outro caso emblemático é apontado por Gadea em seu estudo do movimento neozapatista de Chiapas. Aqui o autor não cede às visões fáceis quem vêem nas lutas indígenas apenas a recusa e a

crítica à globalização em sua versão supostamente neoliberal ou mesmo a defesa de uma identidade indígena entendida de modo essencialista. Trata-se, isso sim, de um sintoma dos modos de interação pós-modernos em sua dimensão política. Emerge daí uma nova lógica de ação dos atores coletivos e movimentos sociais não mais voltados para uma política de movimentos, mas para uma política de campanhas. Portanto, a lógica movimentista presente em Chiapas não nos fala de projetos universalizantes (o socialismo!) e nem da emancipação social em sentido amplo, mas remete para a reivindicação da diferença cultural e para uma lógica de ação pragmática. Os objetivos não são mais ambiciosos e projetados para o longo prazo; são mais localizados e reduzidos e, dessa forma, o sentido pragmático da ação coletiva ganha proeminência sobre a lógica redentora da visão moderna dos movimentos sociais.

A mesma lógica de análise é utilizada por Gadea para apontar-nos o sentido da sociabilidade pós-moderna que podemos identificar, por exemplo, no filme *Carandiru*, dirigido por Héctor Babenco em 2003 e baseado no livro de Dráuzio Varela (1999). Aqui o autor quer desvelar o sentido do disciplinamento contido em instituições como a prisão. A rebelião dos presos do presídio do Carandiru funciona, assim, como metáfora de denúncia dos limites da ordem social e das regras sociais enquanto limitadoras do sentido da contingência e da imprevisibilidade das interações sociais. Assumir essa contradição como trágica, ou seja, como dilema constante, é a lição que o filme e o livro ensinam-nos. É o mesmo desafio que Gadea enxerga no âmbito da educação, ainda centrada, a seu ver, na discussão sobre currículos e conteúdos, mas pouco atenta à dinâmica da interculturalidade que deveria presidir o diálogo do mundo dos jovens e o mundo dos adultos. Ênfase no processo, portanto, e menos no conteúdo, é a lição que os discursos pedagógicos poderiam aprender com a sociabilidade pós-moderna.

Por fim, o livro descortina-nos a sociabilidade pós-moderna em dois movimentos antitético da condição humana: a violência e o amor, nas forças de conflito radical e comunhão profunda. Compreender a violência, insiste Gadea, não pode levar-nos a tematizá-la como exceção a ser erradicada pelas instituições sociais, mas como elemento presente nas interações, na sociabilidade. E, em relação

ao amor – a eterna utopia da relação duradoura e compartilhada – o livro mostra como, atualmente, essa forma de relação social vem permeada pelo erotismo em que a busca de novas experiências conferem-lhe um caráter “performático” e indefinido e na qual novas experiências sucedem-se infinitamente. Não a paz duradoura, portanto, mas a busca constante e fugaz.

Em uma das belas passagens de seu livro, Gadea apresenta-nos a figura de Dom Quixote de La Mancha, que é descrita por Miguel de Cervantes como mais uma metáfora reveladora do sentido do moderno e do pós-moderno. Não se trata de ver nessa personagem primordialmente a recusa da modernidade, na medida em que busca preservar os ideais da cavalaria (conferindo-lhe, portanto, um sentido pré ou antimoderno). Dom Quixote, no mundo que cria para si mesmo, em que moinhos tornam-se gigantes – ainda que contra os feitiços dos encantadores (está aí a crítica ao racionalismo da evidência científica figurada por Sancho Pança) – revela-nos as diferentes possibilidades de leitura do real. O sub-universo de Dom Quixote renega a visão totalizadora da verdade e do sentido único do real e antecipa a temática das “múltiplas realidades” (Schütz), dos “sub-universos” (James) e dos “jogos de linguagem” (Wittgenstein e Lyotard) que hoje são centrais nos discursos e teorizações sobre a pós-modernidade e o pós-moderno. Portanto, sem pretensão totalizadora e generalizante de quem pretende definir o real em termos únicos, o livro *Paisagens da pós-modernidade* é um convite para que o leitor exercite seu olhar sobre a América Latina sob um novo ângulo que descortine, nos passos do impressionismo sociológico de Georg Simmel e da análise das relações sociais em condições pós-modernas de Mafesoli, os traços da sociabilidade pós-moderna nos espaços sempre surpreendentes e reveladores da micro-relações sociais.

Recebido em 27.4.2007

Aprovado em 15.7.2007

Referência bibliográfica

VARELA, D. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.